

**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Mariana Sofia Tudela Filipe

## Narrativas de Aprendizagem

Relatório Final em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Educação  
da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professora Doutora Ana Coelho

Arguente: Professora Doutora Marlene Miguéis

Orientadora: Professora Doutora Vera do Vale

Abril, 2019



## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família por me ter incentivado a percorrer este caminho, por me terem apoiado desde início sem nunca duvidarem de mim, por todo o carinho e pela força que me transmitiram.

À Professora Vera do Vale, pelo apoio prestado, pela disponibilidade demonstrada, simpatia e pela confiança transmitida ao longo deste percurso.

A todos/as os/as professores/as da Escola Superior de Educação de Coimbra por todas as aprendizagens que me proporcionaram na Licenciatura e no Mestrado.

Às minhas amigas, companheiras das minhas aflições e alegrias.

Em especial ao Pedro, por tudo!

A todos, muito obrigada!



## **Narrativas de Aprendizagem**

**Resumo:** O presente Relatório Final surge no âmbito do Mestrado de Educação Pré-escolar e reflete o percurso formativo e as aprendizagens construídas e refletidas em contexto de creche. A componente investigativa decorreu no ano letivo de 2017/2018, com crianças da sala de 1 ano. O principal objetivo deste estudo foi averiguar as potencialidades das narrativas de aprendizagem como instrumento de avaliação, em relação às interações das crianças. Desta forma, realizou-se um estudo de natureza qualitativa para a análise dos dados. As conclusões desta investigação revelam que as narrativas de aprendizagem são um bom instrumento de avaliação e de documentação, na opinião da educadora e na perspetiva dos pais que participaram no estudo.

**Palavras- chave:** creche; narrativas de aprendizagem; avaliação; interações sociais

## **Learning Stories**

**Abstract:** This Final Report comes within the scope of the Master's Degree in Pre-school Education and reflects the training course and the learning built and reflected in the day-care context. The investigative component took place in the academic year 2017/2018, with children in the first year. The main objective of this study was to investigate the potentialities of learning stories as an evaluation tool in relation to children's interactions. In this way, a qualitative study was carried out to analyze the data. The conclusions of this investigation reveal that the learning narratives are a good instrument of evaluation and documentation, in the opinion of the educator and in the perspective of the parents who participated in the study.

**Keywords:** child day care, learning stories; evaluation; social interactions.

# Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPITULO I- ENQUADRAMENTO DA TEMÁTICA EM ESTUDO .....</b>	<b>5</b>
1. Desenvolvimento Social da criança .....	7
1.1. Interação entre pares .....	8
2. Narrativas de aprendizagem.....	11
2.1. Como surgiram?.....	11
2.2. O que são as narrativas de aprendizagem?.....	11
2.3. Criar narrativas de aprendizagem .....	13
2.4. Documentação.....	14
3. Currículo para a Creche .....	16
3.1. Um currículo para a Creche .....	16
3.1.1. Avaliação na Creche .....	17
3.2. Organização do ambiente e material .....	18
3.3. Organização do tempo .....	19
3.4. O trabalho/interação com os pais .....	19
<b>CAPITULO II- CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E COMUNIDADE ENVOLVENTE.....</b>	<b>21</b>
1. Caracterização da instituição onde decorreu o estudo .....	23
2. Constituição e caracterização do grupo.....	24
3. Observação das práticas da educadora cooperante .....	25
<b>CAPITULO III- APRESENTAÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>27</b>
1. Metodologia .....	29
1.1. Contexto da investigação e participantes .....	29
1.2. Objetivos do estudo.....	29
1.3. Instrumentos de recolha de dados .....	30
1.4. Procedimentos de recolha e tratamento dos dados.....	31
<b>CAPITULO IV- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>35</b>
1. Apresentação, análise e discussão dos dados .....	37
1.1. Categoria “Opinião sobre as narrativas de aprendizagem” .....	37
1.2. Categoria “Benefícios para as crianças” .....	38
1.3. Categoria “Benefícios para a educadora/equipa educativa” .....	40

1.4. Categoria “Benefícios para as famílias” .....	41
1.5. Categoria “Relacionamento com as famílias” .....	43
1.6. Categoria “Reflexão das práticas da educadora” .....	44
1.7. Categoria “Desvantagens” .....	45
1.8. Categorias “Satisfação” e “Demonstração de aprendizagens” .....	46
<b>CAPITULO V- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>61</b>
Anexo 1- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança1 .....	63
Anexo 2- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança2 .....	64
Anexo 3- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança3 .....	65
Anexo 4- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança4 .....	66
Anexo 5 - Entrevista.....	68
Anexo 6- Transcrição da entrevista.....	69
Anexo 7- Autorizações.....	76



## Índice de Quadros

Quadro 1- 5 Disposições-chave para a aprendizagem .....	13
Quadro 2- Categorização das respostas à entrevista: Opinião da educadora .....	37
Quadro 3- Categorização das respostas da entrevista: Benefícios para as crianças .....	39
Quadro 4- Categorização das respostas da entrevista: Benefícios para a educadora/equipa educativa .....	40
Quadro 5- Categorização das respostas da entrevista: Benefícios para as famílias .....	42
Quadro 6- Categorização das respostas da entrevista: Relacionamento com as famílias .....	43
Quadro 7- Categorização das respostas da entrevista: Reflexão das práticas da educadora ..	44
Quadro 8- Categorização das respostas da entrevista: Desvantagens .....	45
Quadro 9- Categorização das perspetivas dos pais à experiência dos filhos .....	47



# **INTRODUÇÃO**



O presente Relatório Final intitulado “Narrativas de Aprendizagem” insere-se na unidade curricular de Prática Educativa pertencente ao Mestrado em Educação Pré-escolar e é o resultado da intervenção realizada em contexto de Creche. A finalidade deste relatório é apresentar e analisar, de forma reflexiva e aprofundada, o estudo efetuado.

No que respeita à estrutura formal do Relatório, de modo a organizar toda a informação, este encontra-se dividido em cinco capítulos fundamentais. O primeiro capítulo compreende o enquadramento da temática em estudo, respeitante ao contexto e à investigação desenvolvida. Neste são abordados os seguintes pontos: O desenvolvimento social das crianças e as interações entre pares; As Narrativas de Aprendizagem onde se aborda a sua origem, o que são, como criar uma narrativa de aprendizagem e o papel da documentação e por fim, currículo para a creche que engloba a avaliação na creche, organização do ambiente e material, organização do tempo e trabalho/interação com os pais.

No segundo capítulo procede-se à caracterização da instituição e comunidade envolvente onde analisamos o meio onde está inserida, as infraestruturas, a caracterização do grupo de crianças e a observação da prática da educadora cooperante.

O terceiro capítulo diz respeito à apresentação da metodologia e do estudo, abordamos o contexto da investigação e participantes, a natureza do estudo, os instrumentos de recolha de dados e os procedimentos de recolha e tratamento de dados.

O quarto capítulo revela a apresentação e discussão dos dados. Em primeiro será feita a apresentação, interpretação dos dados e conclusões da entrevista realizada à educadora cooperante, seguido da opiniões dos pais sobre as experiências dos filhos registadas através das narrativas de aprendizagem construídas.

Por fim, quinto último capítulo (considerações finais) é apresentada uma reflexão e avaliação da intervenção. Seguem-se depois as referências bibliográficas nas quais me baseei para a redação deste relatório final, bem como os apêndices que sustentam e complementam algumas componentes do presente relatório.



## **CAPITULO I- ENQUADRAMENTO DA TEMÁTICA EM ESTUDO**





## 1. Desenvolvimento Social da criança

“De modo muito claro, desenvolvimento social e afetivo estão intimamente ligados, particularmente durante a infância. Assim, as expressões afetivas são fatores reguladores das relações interpessoais e as relações sociais, como, por exemplo, a ligação ou *attachment* da criança à mãe, são importantes registos do desenvolvimento emocional/afetivo da criança” (Portugal,1998,p.21). A mesma autora afirma que os aspetos socioafetivos abrangem as dimensões temperamentais que evidenciam as características próprias de cada indivíduo, a forma como este se relaciona com os demais e como se envolve nas diferentes atividades.

Segundo Papalia e Feldman (2013) a “socialização é o processo pelo qual a criança desenvolve hábitos, habilidades, valores e motivações que as tornam membros responsáveis e produtivos de uma sociedade” (p.228).

Os primeiros anos de uma criança são essenciais no que toca à aquisição de vários tipos de competências. Segundo Wieder e Greenspan (2002), as crianças nos seus primeiros quatro a cinco anos de vida, aprendem um conjunto de ideias e percepções da vida como parte das relações que vão estabelecendo. Katz e McClellan (1996) referem que “quase todas as atividades e experiências significativas e importantes- vida em família, trabalho e passatempos- incluem ou até dependem das relações com os outros” (p.12), ou seja, podemos afirmar que o desenvolvimento da criança, na sua maioria, depende do mundo social em que está inserida. Também o relacionamento positivo com outro tem vindo a ser considerado relevante em relação ao desenvolvimento da criança, influenciando de forma global o seu comportamento futuro (Katz & McClellan, 1996).

As mesmas autoras afirmam que, a competência social pode ser definida como a capacidade de iniciar e manter relações sociais, recíprocas e gratificantes com os colegas. Para que as crianças desenvolvam a sua competência social, precisam de adquirir capacidades que ajudem na interação com os seus pares. Estas capacidades são crescentes e passam por “comunicar, discutir, negociar, dar a vez, cooperar,

expressar preferências e razões que estão por trás das suas ações, aceitar compromissos e empatizar com os outros” (Katz & McClellan, 1996, p.13).

O domínio da competência social permite à criança estabelecer relações positivas, apoiando-a na aceitação entre os pares e permitindo uma adaptação aos diversos contextos quotidianos em que vive, isto é, se a criança adquirir esta competência, mais facilmente será capaz de lidar e dar resposta de forma satisfatória aos contextos ou pessoas do seu meio social. Hohmann e Weikart (2011) afirmam que “os contextos e as interações sociais positivas fornecem às crianças a “energia emocional” que lhes permitirá perseguir as suas ideias e intenções noutros contextos, e suportarem as dificuldades” (p.574).

O desenvolvimento social da criança é um processo interativo, visto que ocorre essencialmente pela interação entre pares. Este processo apoia a criança na compreensão de comportamentos, que ela mesma pode distinguir como positivos ou negativos. Segundo Katz e McClellan (1996) “uma criança aprende a ser um «amigo» ou um «mandão» através da sua experiência com outros” (p.19). Desta forma, podemos afirmar que, a personalidade da criança é delineada particularmente pelo meio social que a envolve, bem como o contacto que estabelece com os outros. As crianças tendem a aprender na maioria das vezes através da observação e repetição do que os outros fazem. Hohmann & Weikart (2011), afirmam que as crianças destas idades procuram ativamente colegas e associados para observar, brincar ao lado de, imitar, falar com e interagir ludicamente, sendo esta a forma de construção do seu conhecimento, como também do desenvolvimento das suas capacidades.

### **1.1. Interação entre pares**

Segundo Papalia e Feldman (2013), as crianças começam bastante cedo a demonstrar interesse em interagir com outras crianças, principalmente se forem da sua idade ou do seu tamanho. As mesmas autoras afirmam que as crianças entre um ano e meio e os três anos de idade apresentam mais interesse no que as outras crianças fazem

e uma maior compreensão na maneira de lidar com as mesmas (Eckerman, Davis & Didow, 1989; Eckerman & Stein, 1982, todos citados por Papalia & Feldman, 2013).

As interações estabelecidas entre crianças com menos de dois anos consistem frequentemente num olhar dirigido a uma outra criança, podendo ser acompanhado por um sorriso, da exibição de um brinquedo ou de uma vocalização (Smith, Cowie & Blades). No caso das crianças que estão na fase de gatinhar, poderão demonstrar este comportamento de incentivo entre elas em intervalos de aproximadamente um minuto, com uma duração de apenas alguns segundos (Mueller & Brenner, 1977 citado por Smith, Cowie & Blades, 2001).

Smith, Cowie e Blades (2001) afirmam, que as interações de carácter reduzido estabelecidas entre pares se devem ao facto de as crianças não terem desenvolvido ainda suficientemente as competências de interação social, tais como saber quais os comportamentos adequados em determinadas situações, o que esperar em troca e, saber esperar pela sua vez.

Desde o nascimento, as crianças começam a estabelecer relações com as pessoas e os materiais que as rodeiam, ou seja, as crianças aprendem como podem comunicar e interagir com os diferentes membros (pais, amigos e familiares) e também como agir com os diferentes objetos, permitindo-lhes desenvolver a confiança de si mesmos, a confiança nos outros, a curiosidade e a autonomia na aprendizagem. (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro & Gomes, 2011). A sociabilidade é influenciada pela experiência pela qual a criança vai passando. Crianças que passam mais tempo com outras tornam-se mais depressa crianças sociáveis (Papalia & Feldman, 2013).

Papalia, Olds e Feldman (2001) afirmam que as interações e vivências das crianças desenvolvidas até aos três anos de idade promovem a socialização, expressão e cooperação entre elas integrando-se como fundamento para o crescimento e desenvolvimento futuro. Katz (2006) assegura que, comunicando com pares as crianças desenvolvem mais facilmente relações entre si e, ao mesmo tempo, dispõe de oportunidades de melhorar as suas capacidades comunicativas.

Nos primeiros anos de vida, as interações entre crianças constituem um processo complexo, requerendo da criança a capacidade de regular o seu

comportamento durante a interação, assim como outras competências sociocognitivas que se prendem com a interpretação das crianças e as respostas aos comportamentos dos pares (Brownell & Hazen, 1999).

Oliveira-Formosinho e Araújo (2013) referem que “entre o nascimento e os três anos é salientado o importante papel do educador na promoção de relações entre pares” (p.46). As interações que ocorrem entre as crianças e os adultos são bastante importantes, pois cabe ao adulto o papel de, através de gestos, palavras e atitudes, proporcionar uma relação de prazer, confiança e segurança (Portugal, 1998).

Desde muito cedo que as crianças começam a demonstrar as suas competências sociais. Ladd e Coleman (2002) referem que, é por volta dos dois anos que as crianças começam a mostrar preferências por determinados colegas, procurando-os para participarem nos seus jogos a pares. Através das relações que estabelecem entre si, as crianças desenvolvem a compreensão de si mesmas, dos outros e do mundo, ajustando as novas experiências à sua.

Também o ambiente e os materiais influenciam as interações. Ladd e Coleman (2002) afirmam que a quantidade e a acessibilidade “a brinquedos e materiais lúdicos nos contextos educativos para as crianças mais novas podem ter um impacto significativo na qualidade das interações entre pares e no comportamento das crianças” (p.146). Desta forma, é importante existir um ambiente organizado, e que os brinquedos disponíveis para as crianças sejam estimulantes, acessíveis e onde exista um leque variado de escolhas, permitindo desafios táteis, visuais e motores levando a criança à exploração e também ao estabelecimento de uma relação com o mundo (Portugal, 2012).

## **2. Narrativas de aprendizagem**

### **2.1. Como surgiram?**

As narrativas de aprendizagem (Learning Stories, no original) são baseadas no trabalho de Margaret Carr e dos seus colegas da Nova Zelândia.

Margaret Carr é professora na área da educação no instituto Wilf Malcolm de pesquisa educacional da universidade de Waikato, na Nova Zelândia, antes era educadora de infância. Foi co-diretora do projeto de desenvolvimento curricular da primeira infância da Nova Zelândia, que desenvolveu o currículo nacional, *Te Whariki*, publicado em 1996. Depois de ter publicado o currículo *Te Whariki*, Margaret Carr, fez uma pesquisa em cinco ambientes diferentes da primeira infância para desenvolver, com os respetivos professores, as narrativas de aprendizagem como um instrumento de avaliação narrativa, que estava alinhada com o foco sociocultural do currículo *Te Whariki* (Carr & Lee, 2012).

Esta abordagem foi criada não apenas como uma forma de avaliar as crianças, mas também como um meio de fortalecer a capacidade dos profissionais usarem a documentação como uma ferramenta do seu trabalho (Carter, 2010).

### **2.2. O que são as narrativas de aprendizagem?**

As narrativas de aprendizagem são um instrumento de avaliação usado para descrever o processo de aprendizagem de uma criança, sendo também uma forma de documentar essa aprendizagem. Estas são utilizadas para capturar os elementos significativos que influenciam o processo de aprendizagem da criança. São especialmente eficazes para ilustrar como é que as crianças lidam com desafios, resolvem conflitos e persistem perante uma dificuldade. Desta forma incluem os seus interesses, pontos fortes e conquistas. Também abrangem habilidades, conhecimento e sentimentos, assim como interações entre pares e adultos (Goodsir & Rowell, 2010). São uma ferramenta pedagógica para a transformação da participação (encorajando a

aprendizagem mais longa e profunda), a prevenção da limitação da aprendizagem, a transmissão da cultura da sala para os participantes, e a reformulação de narrativas recebidas (Carr, 2001).

As narrativas de aprendizagem trazem benefícios para as crianças, para o/a educador/a, para a equipa educativa e para a família. As crianças têm a oportunidade de refletir sobre o seu pensamento e a sua aprendizagem. Também sentem que o/a educador/a valoriza as suas ideias e o seu pensamento e ainda podem participar e ouvir as histórias uns dos outros (Carr, 2001).

O educador aprende mais sobre o seu grupo de crianças, sobre o seu desenvolvimento em geral e também como as crianças aprendem. As narrativas também permitem encontrar a melhor forma de planificar um currículo com significado e podem fazer parte do portefólio das crianças.

Para a equipa educativa, as narrativas podem ser usadas para promover a discussão e a colaboração entre a equipa (Carr,2001).

Também para as famílias, as narrativas de aprendizagem, são uma forma de comunicação e de partilha entre os pais e a criança, das experiências de aprendizagem realizadas na Creche ou no Jardim de Infância. Permite que os pais tenham uma visão de como os educadores planificam e das aprendizagens realizadas pelos seus filhos. Providenciam informação acerca das forças da criança de uma forma autêntica e evidenciam como aprende através do brincar. Também evidenciam que as crianças são aprendizes ativas, curiosas e solucionadoras de problemas. Em suma, as narrativas estabelecem um elo de ligação entre a creche/jardim-de-infância e a família das crianças (Carr,2001).

### 2.3. Criar narrativas de aprendizagem

As narrativas de aprendizagem são observações documentadas de aprendizagens de uma ou várias crianças, estruturadas em cinco disposições-chave para a aprendizagem: pertença, bem-estar, exploração, comunicação e contribuição (Carr, 2001). O quadro seguinte apresenta cada uma delas assim como os domínios de aprendizagem e as ações observáveis.

<b>TE Whāriki (currículo Nova Zelândia)</b>	<b>Domínios de aprendizagem</b>	<b>Ações observáveis</b>
<b>Pertença</b>	Coragem e curiosidade para encontrar um interesse	Demonstrar interesse
<b>Bem-estar</b>	Confiança em que está um local seguro para se envolver e se entregar plenamente ao brincar envolvendo-se profundamente	Estar envolvida
<b>Exploração</b>	Perseverança para lidar com a incerteza e as dificuldades	Persistir face a uma dificuldade ou desafio
<b>Comunicação</b>	Confiança para expressar as suas ideias	Expressar o seu ponto de vista ou sentimento
<b>Contribuição</b>	Responsabilidade pela justiça e equidade e disposição para tomar o ponto de vista do outro	Demonstrar responsabilidade

**Quadro 1- 5 Disposições-chave para a aprendizagem**

A narrativa de aprendizagem é uma pequena história escrita, focada num incidente específico ou episódio podendo ser também um instantâneo das atividades das crianças ao longo de um curto período de tempo. Pode ser concentrada numa atividade de grupo e ser uma história de aprendizagem sobre uma atividade que as crianças fizeram juntas ou pode ser individual.

É de referir que apenas se torna numa narrativa de aprendizagem quando o adulto adiciona a sua interpretação de disposições para a aprendizagem e competências da criança. Desta forma, depois de recolhermos os dados começamos a criar a narrativa de aprendizagem. Os passos são os seguintes:

1. Descrever o que a criança disse ou fez, a partir da sua perspetiva e juntar a perspetiva do educador. Prestar muita atenção aos detalhes observáveis, descrevendo-os cuidadosamente. Dar um título à narrativa (Carter,2010).
2. Ler a história à criança, ouvir os seus comentários e os feedbacks. A história também pode ser lida a outras crianças ou até ao grupo todo, se a criança autorizar (Carr, 2001).
3. Escrever um parágrafo onde podemos refletir sobre “O que significa”, descrevendo o significado que a experiência tem e o porquê de esta ser uma observação significativa. Também podemos interligar a experiência que observámos com outras observações de experiências passadas em relação à criança (Carter, 2010).
4. Escrever um parágrafo para refletir sobre “Oportunidades e Possibilidades” onde refletimos sobre o que fazer para melhorar ou prolongar a brincadeira. É uma oportunidade para refletir no que a criança está a fazer (Carter,2010).
5. Enviar uma cópia para a família, deixando espaço na folha para que deixem um comentário com a sua perspetiva em relação à experiência. O educador também pode colocar perguntas à família (Carter, 2010).

## **2.4. Documentação**

“A documentação pedagógica permite à comunidade profissional descrever, compreender, interpretar e ressignificar o quotidiano pedagógico de natureza participativa (Oliveira-Formosinho & Azevedo, 2011, citados por Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.62). Desta forma, apresenta méritos de relevo como “a recriação da imagem da criança, a reconstrução da profissionalidade, a partilha da compreensão da competência da criança (com os pares, com os pais, com a própria



criança, com diretores e outros agentes educativos), a criação de oportunidades na formação em contexto, a investigação e a sua disseminação” (Azevedo, 2009, citado por Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.63). A documentação em contexto de creche é um instrumento que serve de observação e avaliação do contexto, permitindo tornar visível, respeitar e responder aos direitos e competências das crianças e dos adultos (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013).

A documentação através das narrativas de aprendizagem tem sido um processo aberto e evolutivo, dando aos educadores, pais e crianças a oportunidade de tornar visível a aprendizagem. Para documentar uma narrativa de aprendizagem podemos utilizar documentos manuscritos, documentos formatados em computador, fotografias, imagens de vídeo e através dos trabalhos das crianças. As ferramentas que podemos usar, além de caneta e papel abrangem uma serie de meios eletrónicos de captação de imagens e sons, que incluem câmaras fixas e digitais, gravadores de áudio e vídeo. Para o tratamento da informação que foi observada, pode ser utilizado o computador, *scanners* e fotocopiadoras (Lee & Carr, s.d.).

Lee e Carr referem que uma das áreas de grande interesse e desenvolvimento tem sido a forma como a tecnologia está a ajudar os educadores com o processo de documentação, pois têm que encontrar processos de documentar a aprendizagem das crianças de uma forma que seja ao mesmo tempo formativa e integrada no currículo (Lee & Carr, s.d.).

Este tipo de documentação é essencial, pois permite incluir as famílias nas aprendizagens das suas crianças. Estas têm um maior conhecimento acerca do trabalho das suas crianças, pois a documentação tem essa vantagem, de permitir que as famílias tenham acesso aos métodos que estão na base desse produto e em paralelo favorece um sentido de confiança face aos educadores. (Gandini & Goldhaber, 2001, citados por Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013). Desta forma, as famílias têm a oportunidade de participarem, valorizarem e de se envolverem em trocas e discussões com os educadores ou outros pais sobre as aprendizagens das suas crianças (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013).

### **3. Currículo para a Creche**

#### **3.1. Um currículo para a Creche**

O conceito de currículo é ambíguo e polissémico. No entanto, podemos definir currículo como sendo um plano previsto, organizado e estruturado de ensino-aprendizagem, englobando a proposta de objetivos, conteúdos e processos. Segundo Pacheco (1996), “as decisões curriculares incidem sobre objetivos, conteúdos, experiências de aprendizagem (atividades), recursos e avaliação” (p.67).

Segundo a perspetiva de Gabriela Portugal (1998), “Se a educação é uma preocupação básica na creche, se o educador educa e não é apenas um guardador de crianças, importa que haja um currículo, isto é, um plano de desenvolvimento e aprendizagem. Um currículo para a creche tem características diferentes de um currículo para crianças um pouco mais velhas” (p.204). Para além de cuidar das crianças, um dos princípios da creche é educar, no qual se conjectura fundamentos e princípios de sustentação no trabalho do educador. Assim sendo, um currículo é “um plano para a aprendizagem; por conseguinte, tudo o que se conheça sobre o processo de aprendizagem e do desenvolvimento do individuo tem aplicação ao elaborá-lo” (Pacheco, 1996, p.36).

Desta forma, tendo em consideração as características que as crianças dos 0 aos 3 anos manifestam em termos de desenvolvimento, o currículo para esta faixa etária, tem inevitavelmente características diferentes de um currículo para crianças mais velhas.

Segundo Laevers (2005, citado por Carvalho & Portugal, 2017), apesar da especificidade das crianças dos 0 aos 3 anos, qualquer modelo para a educação de infância deve abranger seis características básicas, sendo elas as seguintes: “o respeito pela criança (como ser humano competente); uma abordagem aberta (espaço para a livre iniciativa e para a construção de um “currículo emergente”); um ambiente rico (em diversidade e profundidade); a valorização do processo de representação (considerando que o objetivo da educação, na sua essência, reside no desenvolvimento da capacidade para re-presentar, ou seja, voltar a tornar presentes realidades ou eventos

ao nível mental); a presença de comunicação, interação e diálogo (a dimensão social da educação); e a forte e contante presença da observação (sendo a monitorização e avaliação essenciais para garantir a qualidade) ” (p.14).

De acordo com Formosinho (1998), o currículo dispõem assim de uma teoria de ensino/aprendizagem e desenvolvimento e, conseqüentemente, de uma teoria de avaliação educacional. Desta forma e como já foi referido, a metodologia de avaliação é parte integrante do currículo, que compreende momentos de reflexão e decisão.

### **3.1.1. Avaliação na Creche**

A avaliação é um elemento regulador da prática educativa, devendo esta ser formativa, processual, contínua e interpretativa, valorizando desta forma a criança como aprendiz ativo (Circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011). Desta forma, a avaliação deve ser a base para a tomada de decisões e escolha da qualidade, estabelecendo uma relação entre a avaliação e a reflexão.

Segundo Parente (2005, citada por Carvalho & Portugal, 2017), de uma forma geral “é consensual que a avaliação na educação de infância é um elemento regulador e aperfeiçoador da intervenção educativa, sendo, habitualmente, uma avaliação informal baseada na observação do comportamento das crianças” (p.21).

A avaliação quando é realizada com base na observação “permite descobrir o que as crianças compreendem, o que pensam, o que são capazes de fazer e quais as suas disposições e interesses” (Carvalho & Portugal, 2017, p.22). Assim permite que o educador possa dar um “*feedback*” à criança sobre as suas conquistas, “ofereça experiências desafiadoras e agradáveis, e documente, valorize e planeie os próximos passos na promoção da aprendizagem” (Carvalho & Portugal, 2017, p.22). As mesmas autoras afirmam que “A avaliação será autêntica e genuína se ocorrer no ambiente natural da criança, se for conduzida por adultos significativos para ela e se contar com a colaboração da família” (p.22).

A avaliação das crianças em creche deve ser feita de forma a promover as suas aprendizagens, para que desta forma o educador possa analisar as suas conquistas e evoluções. “Este processo pode assumir diferentes formas e duração variável, mas envolve, habitualmente, quatro ações: a recolha de informação (sendo a observação/escuta ativa o método privilegiado), a documentação e o registo, a reflexão e a utilização ou ação” (Carvalho & Portugal, 2017, p.23).

Carvalho e Portugal (2013) referem ainda que, a avaliação é parte integrante da ação dos educadores e permite fornecer informações, para melhorar as suas práticas pedagógicas. Esta possibilita recolher informações acerca dos níveis de bem-estar e implicação/envolvimento das crianças ajudando assim o educador a apoiar e amplificar as experiências de aprendizagem e o seu desenvolvimento.

Segundo o Currículo Escocês, avaliar as crianças em relação aos seus progressos e necessidades é um processo contínuo e é parte integrante do planeamento, observação e implementação. Se o educador usar essas informações com eficiência, pode criar planos que ajudam a criar uma abordagem focada e individualizada da criança. Refere ainda que as crianças têm um papel fundamental a desempenhar na avaliação e devem ser encorajadas a contribuir para todas as etapas da mesma. A avaliação das crianças em relação à sua aprendizagem e desenvolvimento pode ser feita através de observações ou conversas (Learning and Teaching Scotland, 2010).

### **3.2. Organização do ambiente e material**

Segundo Portugal (1998), “O ambiente da creche não é definitivo. Planear, arranjar, avaliar e reorganizar é um processo contínuo na busca da qualidade e daquilo que melhor se adequa às crianças em questão. Fundamentalmente referimos aqui fatores que influenciam a qualidade do contexto ao nível da segurança, saúde, desenvolvimento e aprendizagem, que incluem aspetos como espaços, equipamentos, brinquedos e materiais. O ambiente físico é apenas uma parte de tudo aquilo que em conjunto faz a qualidade de um contexto” (p. 204).

O ambiente em creche deve facilitar que as crianças se movimentem, explorem e aumentem a capacidade de confiarem nelas próprias e no mundo que as rodeia, de forma a oferecer bem-estar a nível psicológico e físico (Portugal, 1998).

### **3.3. Organização do tempo**

As rotinas são bastante importantes no desenvolvimento das crianças, pois proporcionam experiências de aprendizagens a todos os níveis. Estas transmitem segurança, na medida em que a criança começa a perceber o que vai acontecer em cada momento do seu dia. “Quando os horários e as rotinas diárias são previsíveis e estão bem coordenados em vez de em permanente mudança, é mais provável que os bebés e as crianças se sintam seguros e confiantes” (Post & Hohmann, 2003, p.195).

De acordo com o que observei, a rotina da instituição onde realizei o meu estudo é adequada sendo previsível e flexível, permitindo assim ser organizada, consistente e adaptável às características e necessidades de cada criança.

Para além da rotina diária do grupo, as crianças da Creche também têm dias estipulados para irem ao exterior, de forma a não se encontrarem com as crianças do Jardim de Infância, desta forma, vão ao exterior da parte da manhã à segunda-feira e à quinta-feira e da parte da tarde à terça-feira e à sexta-feira. O facto das crianças irem ao exterior regularmente é o mais valia pois, como referem as autoras Bilton, Bento e Dias (2017), através do brincar no exterior as crianças “têm a oportunidade de enfrentar riscos, resolver problemas de forma autónoma e de mobilizar o corpo e os sentidos nas suas explorações” (p.17).

### **3.4. O trabalho/interação com os pais**

É muito importante que exista uma boa relação escola-família, e esta deve ser ativa no processo de aprendizagem e vida escolar dos seus filhos. Como em qualquer contexto educativo, a comunicação e as interações estabelecidas entre os profissionais de educação e os pais/encarregados de educação são fundamentais no processo

educativo. As relações entre educadores e pais deve ter como base a confiança e o respeito mútuo para que possam existir diálogos sobre o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Desta forma, pais e educadores vão estabelecer uma abordagem de trabalho em equipa para criarem um ambiente apoiante para as suas crianças (Post & Hohmann, 2000).

Como referem Oliveira-Formosinho e Araújo (2013), a participação dos pais deve ser realizadas através do envolvimento nas rotinas quotidianas, como por exemplo “na manutenção do jardim ou na escolha de músicas ou histórias a serem incluídas no dia-a-dia da sala” (p.20). Também é muito importante a participação dos pais em atividades e projetos das crianças.

Segundo as OCEPE (2016) os pais como principais responsáveis pela educação dos seus filhos/as, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico, tendo a oportunidade de dar contributos que enriqueçam o planeamento e a avaliação da prática educativa. A participação dos pais no planeamento, realização e avaliação de oportunidades educativas é uma forma de alargar as interações e de enriquecer o processo educativo. Cabe ao educador criar as condições necessárias para essa participação, descobrindo formas de comunicação e articulação mais adequadas (ME, 2016).

## **CAPITULO II- CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E COMUNIDADE ENVOLVENTE**





O educador deve apoiar e estimular o desenvolvimento e aprendizagem da criança, tirando partido do meio social e das interações que os contextos de educação de infância possibilitam para que, desta forma, as opiniões, escolhas e perspetivas de cada criança sejam esclarecidas e debatidas. Deste modo, cada criança aprende a defender as suas ideias, a respeitar as ideias dos outros e, ao mesmo tempo, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem quer do educador, como das outras crianças (ME, 2016).

## **1. Caracterização da instituição onde decorreu o estudo**

A instituição onde realizei o presente estudo possui duas valências em funcionamento, a Creche e o Jardim de Infância, prestando apoio atualmente a 222 crianças: 150 crianças em Jardim de Infância e 72 crianças em Creche.

Em termos de espaço físico, a Creche é composta por dois berçários e duas salas parque, duas salas de 1 ano e duas salas de 2 anos. Relativamente à vertente de Jardim de Infância funcionam, atualmente, seis salas. Estas funcionam em sistema rotativo três a três (duas salas dos cantinhos, duas salas de expressões e duas salas de ciências e tecnologias). Para além destas salas existem ainda: dois salões polivalentes destinados sobretudo a atividades de psicomotricidade.

A Instituição possui espaço exterior, o que é uma mais-valia para as crianças. Segundo as OCEPE o exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças, pois ao brincarem desenvolvem diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais. Estes podem ser levados para a sala e ser objeto de outras explorações. É ainda um espaço em que as crianças têm a oportunidade de desenvolver atividades físicas (correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos de regras, etc.), num ambiente ao ar livre (ME, 2016, p.27). Dispõe ainda de um parque infantil vedado, uma horta, um espaço envolvente ajardinado, uma cozinha de campo, uma cozinha de lama, um percurso de motricidade e um cantinho da Creche. No complexo escolar em que está inserida existe um campo de jogos, uma biblioteca, uma piscina, uma sala de multiusos e dois auditórios.

## **2. Constituição e caracterização do grupo**

“Na educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de socialização através da relação entre crianças, crianças e adultos e entre adultos. Esta dimensão relacional constitui a base do processo educativo” (ME, 2016, p.24).

É importante compreender as potencialidades do grupo, assim como os seus interesses, para que desta forma as atividades proporcionadas sejam significativas.

O grupo de crianças da sala de 1 ano é um grupo homogéneo na faixa etária de 1 ano (3 crianças completam 1 ano entre os meses de setembro e dezembro; e 9 completam 2 anos entre o mês de fevereiro e junho). É composto por 12 crianças, sendo que 6 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino. No que respeita a nacionalidade, as 12 crianças são portuguesas e residem todas em Coimbra ou na periferia/arredores.

Em relação à situação do ano transato, a maioria das crianças (8) transitaram do Grupo do Berçário, tendo frequentado esta instituição no ano letivo anterior, e 4 frequentavam pela primeira vez a instituição.

A nível afetivo e social o grupo é bem-disposto, simpático, expressivo, comunicativo, energético e muito afetuoso. Reagem bem à presença de adultos que não os da sala. O grupo também se mostrou bastante atento e interessado em canções mimadas, leitura de imagens, sons e em ouvir histórias, sempre que contávamos histórias as crianças pediam para que contássemos outra.

As crianças eram capazes de compreender ordens e perguntas simples, ao mesmo tempo que manifestavam o seu agrado e/ou desagrado perante as situações com que se confrontavam. As crianças mais velhas já eram capazes de pronunciar algumas palavras, de reconhecer objetos, de identificar a localização de diversas partes do corpo (nariz, boca, orelha, barriga, pé, mão, etc.).

Era geral a dificuldade que as crianças ainda tinham em partilhar brinquedos, jogos, materiais, o que gerava, por vezes, alguns conflitos, sendo nos primeiros meses estes conflitos a interação mais frequente que existia entre elas.

A sala de atividades da instituição onde realizei o meu estudo é ampla e não está dividida por áreas. Em conversa com a educadora esta explicou que a sala ainda não tinha áreas pois não achava que fizesse sentido em idades tão pequenas e que só mais tarde começaria a introduzir diversas áreas na sala. A sala dispõe de um tapete (destinado a atividades, tais como leitura de história, diálogos e conversas em grande grupo, exploração de imagens, jogos de encaixes/puzzles, etc.), almofadas e uma manta sensorial. Na parede encontra-se um espelho afixado ao nível das crianças.

Como a sala não está dividida por área a educadora vai colocando vários cestos com diversos objetos e materiais para as crianças explorarem e manipularem livremente.

No geral, o espaço é amplo, dinâmico e flexível, o que permite criar um ambiente de exploração ativa, promovendo a possibilidade das crianças jogarem, manipularem e explorarem, sem a intervenção constante do adulto.

### **3. Observação das práticas da educadora cooperante**

A educadora procurava sempre dar às crianças carinho, afeto, conforto, confiança e segurança. A relação criada entre educadora e criança era consistente e estável. “Para assegurar o desenvolvimento de uma relação próxima, de confiança e de afeto que a mantém tranquila enquanto está fora de casa, é importante que cada criança tenha um educador responsável (...) relação estável reduz consideravelmente o stresse” (Post & Hohmann, 2003, p.63).

Através da observação realizada, percebi que a educadora põe em prática o conceito de participação orientada, pois dá liberdade às crianças para que estas

circulem pela sala, brinquem/explorem livremente e desenvolvam os seus trabalhos de forma autónoma, auxiliando sempre que necessário.

A planificação era feita tendo em consideração os interesses das crianças, conciliando sempre com os dias estipulados para irem ao exterior, de forma a proporcionar-lhes novas experiências.

A educadora, assim como a instituição, valorizavam imenso o brincar ao ar livre em contacto com a natureza, o que era uma mais-valia para as crianças. As crianças aprendem com a natureza, na medida em que esta lhes oferece uma panóplia de experiências de aprendizagem, tornando assim as crianças mais curiosas, criativas e saudáveis. Huggins, Wickett e Tovey (2011) afirmam que “podemos considerar que o desenvolvimento sustentável será mais bem alcançado através da promoção de experiências de contacto precoce com a natureza, situações em que a criança adquire progressivamente um sentimento de pertença e familiaridade com o espaço, compreendendo o seu papel na relação com os seres vivos e assumindo responsabilidades na preservação e cuidado do mundo que a rodeia” (como citado em Bilton, Bento & Dias, p.31, 2017).

Para avaliar as crianças, a educadora utilizava grelhas de observação construídas por si, onde as observações e os registos podiam ser escritos e/ou fotográficos. Tinha um dossiê onde colocava todas fotos das atividades e os seus registos sobre a evolução de cada criança. Ao pé dos cabides das crianças também existia um painel onde os pais poderiam ver os registos escritos e fotográficos das atividades que os seus dos seus filhos realizavam ao longo da semana.

## **CAPITULO III- APRESENTAÇÃO DO ESTUDO**

.

No presente capítulo será apresentada a componente empírica do relatório, que é o resultado de uma investigação realizada paralelamente com o estágio em creche. O grupo-alvo foi um grupo de crianças com 1 ano, tendo tido como objetivo avaliar as interações das crianças utilizando narrativas de aprendizagem.

## **1. Metodologia**

### **1.1. Contexto da investigação e participantes**

Ao longo do período de estágio fui observando as interações que existiam entre as crianças quer no interior quer no exterior da instituição, pois no início do ano letivo as interações mais frequentes eram os conflitos. Fui captando alguns momentos que achei significativos, tendo posteriormente procedido à sua reflexão e avaliação utilizando para o efeito o método das narrativas de aprendizagem. Todas as observações realizadas foram de experiências não planeadas pelo adulto, ou seja, as crianças exploravam o ambiente e os materiais à sua volta de forma autónoma sem que o adulto interviesse.

Desta forma, foi construída uma narrativa de aprendizagem que incluí um grupo de quatro crianças que se juntaram para brincar com materiais não estruturados.

### **1.2. Objetivos do estudo**

Definimos como objetivo geral deste estudo averiguar as potencialidades das narrativas de aprendizagem. Foram também definidos os objetivos específicos seguintes:

- a) Perceber a opinião da educadora em relação ao instrumento de avaliação;

- b) Perceber se as narrativas de aprendizagem permitem que o educador conheça mais sobre o seu grupo de crianças, sobre o desenvolvimento em geral e como as crianças aprendem;
- c) Averiguar se as narrativas de aprendizagem providenciam informação acerca das forças das crianças de uma forma autêntica e se salientam como aprende através do brincar;
- d) Demonstrar se as narrativas de aprendizagem permitem evidenciar que as crianças são aprendizes ativas, curiosas, investigadoras e solucionadoras de problemas;
- e) Perceber se as narrativas de aprendizagem são um veículo de comunicação e de partilha, entre os pais e as experiências de aprendizagem efetuadas na creche.

O presente estudo centrou-se então nas observações das interações das crianças, tendo as narrativas de aprendizagem como instrumento de avaliação, recorrendo-se a uma abordagem qualitativa para análise dos dados. Para Amado (2010, p.139, citado em Amado, 2017, p.17), “a investigação qualitativa consiste numa pesquisa sistemática, sustentada em princípios teóricos (multiparadigmáticos) e em atitudes éticas, realizada por indivíduos informados”. O mesmo autor refere ainda que a investigação qualitativa “visa contribuir para o melhoramento das situações e para a resolução dos problemas existentes no contexto”.

### **1.3. Instrumentos de recolha de dados**

Como forma de avaliar e refletir sobre as interações das crianças, foram utilizados instrumentos de recolha de dados, nomeadamente as narrativas de aprendizagem para avaliar as aprendizagens das crianças e fomentar a comunicação com os pais e a



entrevista à educadora para auscultar a sua opinião acerca das potencialidades deste instrumento.

As narrativas de aprendizagem são um relato de um acontecimento. O observador regista o incidente como uma história e posteriormente reflete sobre esta usando disposições de aprendizagem (forma como a criança responde à experiência de aprendizagem) para analisar a aprendizagem que ocorreu. As narrativas de aprendizagem podem ter múltiplas perspetivas: do educador, da criança, dos pais e de outras crianças (Nyland & Alfayez, 2012).

A entrevista, como afirma Amado e Ferreira (2017) “é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (p.209). Quivy e Campenhoudt (1998) referem que “as entrevistas contribuem para descobrir os aspetos a terem em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras” (p.69). A entrevista foi semiestruturada, com o auxílio de um guião (anexo 5) elaborado previamente e de um gravador de voz para que as respostas transcritas fossem o mais real possível. De acordo com Gillham, 2000; Kvale, 1996; Bogdan e Biklen, 1994; Ghiglione e Matalon, 1992; Quivy e Campenhoudt, 1998; Ludke e André, 1986 (todos citados em Amado & Ferreira, 2017) afirmam que a entrevista semiestruturada é um dos principais instrumentos de investigação de natureza qualitativa que permite a ocorrência de questões de forma menos rígida, levando a que o entrevistado possa responder de uma forma mais aberta sobre o tema proposto. A entrevista à educadora englobava cinco perguntas de resposta aberta e servia para perceber qual a opinião da educadora acerca das narrativas de aprendizagem.

#### **1.4. Procedimentos de recolha e tratamento dos dados**

Para a recolha dos dados comecei por captar imagens, com a máquina fotográfica, de duas crianças que foram buscar duas caixas de cartão, que se encontravam num canto da sala e colocando-as no meio de um tapete passaram à sua

exploração. Depois, juntaram-se mais duas crianças, que também foram buscar caixas de cartão. Enquanto brincavam iam dialogado umas com as outras.

Posteriormente, com os dados que recolhi construí uma narrativa de aprendizagem, com base na literatura referida anteriormente no capítulo I, ou seja, depois de observar e tirar as notas que achei necessárias, comecei por refletir sobre elas e dei início à construção da narrativa de aprendizagem com a ajuda do quadro das 5 disposições-chave para a aprendizagem, abordado no capítulo I. Comecei por descrever o que as crianças estava a fazer em grupo assim como os diálogos que iam existindo entre elas e dei um título à narrativa. Seguidamente da descrição no ponto “O que significa” descrevi o significado que a experiência que observei teve e o porquê de ser uma observação significativa. Neste caso, foi significativa pois as interações entre as crianças eram quase inexistentes e foi muito positivo observar o diálogo e as interações entre elas. Construída a narrativa de aprendizagem, esta foi enviada para os pais, para que dessem a sua opinião sobre a experiência do seu/sua filho/a (anexos 1,2,3 e 4).

Foi elaborada a entrevista com questões ligadas ao instrumento de avaliação em estudo para perceber qual a opinião da educadora face ao instrumento utilizado, ou seja, as narrativas de aprendizagem onde pretendia perceber quais os benefícios que existiam para as crianças, educadora e pais assim como se as narrativas de aprendizagem melhoravam o relacionamento com as famílias e se eram um bom método para avaliar as aprendizagens das crianças de forma a permitir recolher informação pertinente para o estudo. A entrevista foi feita à educadora da instituição. Foi gravada para poder ser transcrita na íntegra, de forma a efetuar a análise dos dados recolhidos. Depois de transcrita, lida e analisada procedeu-se à organização do seu conteúdo, de acordo com as categorias definidas inicialmente, o que permitiu, posteriormente, efetuar inferências com base na literatura sobre as narrativas de aprendizagem.

A análise dos dados e a sua interpretação, ao longo da investigação, é uma das partes mais importantes de todo o processo de investigação pois, é através dela que obtemos as respostas às questões presentes nos objetivos do estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.225 citado por Amado, 2017, p.301) “ a análise envolve o trabalho

com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspetos importantes do que deve ser apreendido e a decisão do que vai ser transmitido aos outros”.

Para a análise dos dados provenientes da entrevista e das opiniões dos pais, através das narrativas de aprendizagem, recorri à análise de conteúdo. Esta técnica permite classificar a informação recolhida através da entrevista, composições, questionários abertos e outros documentos (Ghiglione e Matalon, 1992, p. 180 citados por Amado, Costa e Crusoé, 2017, p.303). Como referem Amado, Costa e Crusoé (2017) a análise de conteúdo, para além de permitir uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos analisados, através da elaboração de categorias e subcategorias, permite ainda realizar inferências válidas do seu contexto. É esta última característica que permite esta análise ser realizada num vasto leque de documentos escritos.

Pretende-se assim realizar um estudo estrutural que, segundo Vala (1986, p.108 citado por Amado, Costa e Crusoé, 2017, p.308) permite a análise de determinadas ocorrências que no presente estudo, refere-se à análise das potencialidades das narrativas de aprendizagem, na visão da educadora cooperante e através da perspectiva dos pais acerca da experiência dos seus filhos. Deste modo irá ser colocada em evidência as potencialidades das narrativas de aprendizagem (e possíveis desvantagens) recorrendo à sua classificação através da análise taxonómica com o objetivo de descrever e elucidar pontos de interesse acerca deste instrumento.

As categorias estão de acordo com as questões da investigação (entrevista e perspectiva dos pais). Destacam-se algumas palavras-chave ou pontos de interesse como referem Ghiglione e Matalon, 1992; Vala, 1986 (todos citados por Amado, Costa & Crusoé, 2017).

A análise do conteúdo das entrevistas e das perspetivas dos pais levou à criação de dois grandes campos de análise:

**Campo A** – Narrativas de aprendizagem na perspetiva da educadora;

Campo **B** – Perspetiva dos pais acerca das experiências dos filhos através das narrativas de aprendizagem.

## **CAPITULO IV- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**



## 1. Apresentação, análise e discussão dos dados

No presente capítulo são apresentados e analisados os dados, recolhidos ao longo da investigação.

### 1.1. Campo A - “Opinião sobre as narrativas de aprendizagem”

No quadro 1, são apresentadas as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategorias referentes à opinião que a educadora tinha acerca das narrativas de aprendizagem. Esta emergiu em quatro subcategorias.

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Conhecimento do instrumento	Desconhecimento	<p>“Não conhecia o instrumento como narrativa de aprendizagem com esta designação, mas identifico as narrativas de aprendizagem com algo que eu já faço desde que sou educadora, que identifico muito com os registos de evidências.”</p> <p>“ (...) o educador já está a observar no momento e a registar, mas por outro lado depois vai apoiar na reflexão, pós-ação que é sentar ler aquela descrição, aquela narração e perceber primeiro qual a área em que aquela evidência, aquela narrativa de aprendizagem está mais relacionada e permite-nos ali ver se podemos apoiar mais ainda numa possível progressão.”</p>
	Avaliação	<p>“Também podemos avaliar ao nível das interações, avaliar também a parte em como a criança está a lidar perante determinada situação”</p> <p>“ (...) as narrativas de aprendizagem relacionam-se muito com aquilo que a nós nos faz sentido ter em conta quando avaliamos (...) ”</p>
	Documentação	<p>“ (...) para quem usa portefólio penso que é uma boa base para documentar, orientar e organizar a estrutura(...)</p>
	Papel das crianças	<p>“ Em crianças mais velhas, apoia também nessa questão de elas já poderem refletir o que foi observado...”</p> <p>“ (...) a criança vai ter a oportunidade de dar o seu contributo o seu comentário acerca daquela narrativa de aprendizagem(...) ”</p>

**Quadro 2- Categorização das respostas à entrevista: Opinião da educadora**

De acordo com a análise à resposta da educadora, referente à pergunta “O que acha deste instrumento?” esta mencionou que não conhecia este instrumento como

sendo uma narrativa de aprendizagem, conhecia como sendo um registo de evidências. Ao longo do estágio fui realizando algumas narrativas de aprendizagem e foi desta forma que a educadora ficou a conhecer este instrumento de avaliação. Referiu que é um ótimo instrumento para “documentar, orientar e organizar” as aprendizagens das crianças. Ao contrário do que a educadora referiu, as narrativas de aprendizagem não são para documentar, servem como uma ferramenta pedagógica para ajudar os educadores a serem mais reflexivos, a terem em conta outras perspetivas e o que mais precisam de aprender para serem responsivos às crianças (Carr & Lee, 2012).

Gandini e Goldhaber (2001, citado por Oliveira Formosinho e Araújo, 2013) referiram que, a documentação pedagógica confere identidade e a continuidade do trabalho desenvolvido por parte de toda a equipa educativa. As mesmas autoras referem ainda que “o processo de documentação proporciona-nos um fórum através do qual podemos dar voz à competência e direitos das crianças mais novas e das suas famílias” (Gandini & Goldhaber, 2001, p.143, citados por Oliveira Formosinho e Araújo, 2013, p.65), ou seja, as crianças e as suas famílias têm a oportunidade de ser um elemento ativo no processo de aprendizagem.

## **1.2. Campo A- “Benefícios para as crianças”**

No quadro 2, são apresentados as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategorias referentes aos benefícios das narrativas de aprendizagem para as crianças, na opinião da educadora. Esta emergiu em sete subcategorias sendo elas: Suporte Visual; Documentação; Processo; Reflexão da criança; Autoavaliação; Partilha; Visão da criança como aprendiz.



<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Benefícios para as crianças</b>	<b>Suporte Visual</b>	“(…) para as crianças sem dúvida que a criança vê espelhada digamos assim, no papel como suporte visual que é a fotografia daquele momento que se calhar foi tão importante para ela tal e qual como foi para o educador e aí o educador também fazer ver à criança que aqueles momentos que eles têm são muito valorizados também pelo educador.”
	<b>Documentação</b>	“Sem dúvida que o principal benefício é a documentação”
	<b>Processo</b>	“Depois para a criança vai permitir também ter uma noção daquele momento e do que é que aquele momento representa para ela no seu processo.”
	<b>Reflexão da criança</b>	“Certamente ela quando fizer uma reflexão vai descrever também aquela observação que vai descrever ainda também com outros pormenores e refletir sobre aquilo que fez (…)”
	<b>Autoavaliação</b>	“(…) apoiar a própria autoavaliação da criança (…)”
	<b>Partilha</b>	“(…) permite à criança, se calhar num momento de grande grupo poder partilhar com os outros esses seus momentos (…)”
	<b>Visão da criança como aprendente</b>	“(…) para a criança sem dúvida que é isso, documentar aqueles momentos chave, momentos fulcrais que realmente houve ali e que evidenciou a criança em ação, a criança como aprendente.”

**Quadro 3- Categorização das respostas da entrevista: Benefícios para as crianças**

Relativamente aos benefícios das narrativas de aprendizagem para as crianças, a educadora considera que o principal benefício é “ documentar aqueles momentos

chave, momentos fulcrais que realmente houve ali e que evidenciou a criança em ação, a criança como aprendente”. Referiu ainda que as narrativas de aprendizagem apoiam “a própria autoavaliação da criança”. Este último aspeto é referido por Carr (2001), em que a autora afirmou que as narrativas de aprendizagem permitiam a oportunidade das crianças refletirem sobre o seu pensamento e as suas aprendizagens.

Na perspetiva da educadora, também outro dos benefícios é o de as crianças sentirem que o educador valoriza os seus momentos e o facto de poderem partilhar a sua experiência com o grupo. Esta perspetiva da educadora corresponde aos benefícios que as narrativas de aprendizagem proporcionavam às crianças mencionado por Carr (2001).

### 1.3. Campo A- “Benefícios para a educadora/equipa educativa”

No quadro 3, são apresentados as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategorias referentes aos benefícios das narrativas de aprendizagem a educadora/equipa educativa. Nesta categoria surgiram 2 subcategorias sendo uma a documentação e a outra o apoio das narrativas de aprendizagem.

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Benefícios para a educadora/equipa educativa	Documentação	“Sem dúvida que o principal benefício é a documentação”
	Apoio das narrativas de aprendizagem	“Para a equipa (educadora e equipa educativa) tem a mesma funcionalidade, documenta, apoia a reflexão, apoia a avaliação do educador porque um educador sem registos, sem evidências, dificilmente consegue ter uma visão e conseguir registar todos os momentos na sua memória e esta parte escrita sem dúvida há um apoio, tanto na parte da escrita como na parte do registo fotográfico.”

**Quadro 4- Categorização das respostas da entrevista: Benefícios para a educadora/equipa educativa**

Quanto aos benefícios para educadora e equipa educativa, no ponto de vista da entrevistada, refere-se ao facto de documentar as aprendizagens das crianças, apoiar a reflexão e a avaliação do trabalho desenvolvido pelo educador. Estas potencialidades enumeradas pela educadora estão em concordância com os benefícios presentes na literatura (Carr, 2001).

Planear e avaliar o processo educativo de acordo com o que o educador observa regista e documenta sobre o grupo e cada criança é muito importante para que se proporcione um ambiente estimulante e promova aprendizagens significativas e diversificadas. Através de uma análise reflexiva e sensível o educador recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução, falar com as famílias sobre as aprendizagens dos seus/suas filhos/as e tomar consciência da sua ação e do progresso das crianças, para desta forma, apoiar melhor o seu processo de aprendizagem (ME, 2016).

#### **1.4. Campo A- “Benefícios para as famílias”**

No quadro 4, são apresentados as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategorias referentes aos benefícios das narrativas de aprendizagem para as famílias, na opinião da educadora. Emergiram quatro subcategorias sendo elas o dar a conhecer, o acesso às aprendizagens, contributo das famílias e o suporte visual.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Benefícios para as famílias</b>	<b>Dar a conhecer</b>	“Para a família permite e também serve exatamente para os mesmos fins, como documentação do que está a acontecer nos momentos de cada criança, de momentos que são vividos em pequeno grupo ou a pares”
	<b>Acesso às aprendizagens</b>	“(…) permite à família reler aquele documento e perceber qual foram ali as áreas ou momento chave que foi ali identificado pelo educador”  “(…)identificando também já por si, pequenas aprendizagens e ir associando as determinadas áreas de conteúdo ou aquilo que se pretende que os meninos vão aprendendo e desenvolvendo ao frequentar uma instituição de educação de infância”
	<b>Contributo das famílias</b>	“(…)a família poder pensar que tem a hipótese de dar o seu contributo acerca do que pode ver ali de aprendizagem”
	<b>Suporte Visual</b>	“(…) também acho que é muito importante os pais também se irem apercebendo do trabalho que é feito na creche/ jardim de infância.”

**Quadro 5- Categorização das respostas da entrevista: Benefícios para as famílias**

Relativamente aos benefícios para a família, a educadora afirma que, também a documentação é um dos principais benefícios, pois desta forma a família tem a oportunidade de ver/ ler o documento e entender as áreas ou quais os momentos chave identificados pela educadora. Também o facto de os pais terem a oportunidade de dar a sua opinião sobre as experiências dos seus filhos é um dos benefícios referidos pela educadora - “tem a hipótese de dar o seu contributo acerca do que pode ver ali de aprendizagem”. Refere ainda que as narrativas de aprendizagem são uma mais-valia, pois o facto de serem enviadas para casa, permite que a família perceba o trabalho que é desenvolvido na creche/jardim-de-infância. Como afirma Carr (2001) as narrativas permitem que se estabeleça um elo de ligação entre a creche/jardim-de-infância com a família das crianças.

### 1.5. Campo A - “Relacionamento com as famílias”

No quadro 5 estão expostas as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategorias referentes ao relacionamento com as famílias. Emergiram três subcategorias, sendo elas a participação a partilha e o acompanhamento dos progressos.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Relacionamento com as famílias</b>	<b>Participação</b>	“(…)vai é permitir que a família participe mais de forma mais ativa”
	<b>Partilha</b>	“(…) este instrumento vai enriquecer ainda mais a relação com os pais ao nível da comunicação, da transmissão e da partilha da informação.”
	<b>Acompanhamento dos progressos</b>	“(…)permite aos pais lerem gradualmente ao longo do período ou ao longo do trimestre à medida que estas narrativas de aprendizagens irão sendo feitas.”  “(…) vai permitir aos pais acompanhar esses progressos e esses momentos significativos.”

**Quadro 6- Categorização das respostas da entrevista: Relacionamento com as famílias**

Da opinião partilhada, em relação ao relacionamento com as famílias, podemos referir que a educadora considera que a utilização das narrativas de aprendizagem permitem melhorar o seu relacionamento, no entanto, refere que não são as narrativas que vão ajudar a que uma relação passe a ser melhor, apenas vão permitir que as famílias participem mais de forma ativa. Considera ainda que este instrumento de avaliação vai enriquecer mais a relação com os pais ao nível da comunicação, da transmissão e da partilha da informação.

A comunicação das intenções da educadora aos pais/família é uma ocasião para os envolver no processo de planeamento e desta forma recolher as suas sugestões. Esta

partilha permite encontrar um conjunto de possibilidades de os pais/famílias participarem no processo educativo do/a seu/sua filho/a. Permite também tornar visível o processo pedagógico e os progressos do seu/sua filho/a, permite-lhes compreender as aprendizagens que realizaram, mas também contribuir para a avaliação do que conhecem da criança e observam em casa, facilitando a articulação entre a educação familiar e o processo educativo na creche (ME, 2016).

### 1.6. Campo A- “Reflexão das práticas da educadora”

No quadro 6, são apresentadas as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategoria que expõem a opinião da educadora sobre o instrumento de avaliação utilizado. Nesta categoria surgiram duas a subcategoria autoavaliação e planeamento.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Reflexão das práticas da educadora</b>	<b>Autoavaliação</b>	<p>“(…)sem dúvida que apoia a avaliação.”</p> <p>“ (...) vai apoiar sem dúvida o registo das aprendizagens”</p> <p>“ (...) vai apoiar não só a avaliação por parte da criança mas também a avaliação da criança e uma própria autoavaliação do educador”</p>
	<b>Planeamento</b>	<p>“ (...) permite ao educador fazer logo uma análise não só da criança, dos seus pontos fortes, áreas que podem ajudar a investir a melhorar”</p>

**Quadro 7- Categorização das respostas da entrevista: Reflexão das práticas da educadora**

Na perspetiva da educadora, as narrativas de aprendizagem são um bom instrumento de avaliação tanto para o educador como para as crianças, pois apoiam a reflexão assim como o registo de aprendizagens. Assim, as narrativas de aprendizagem possibilitam a análise do trabalho em progresso, pois segundo Gandini e Goldhaber (2001, citados por Oliveira Formosinho e Araújo, 2013) este aspeto verifica-se como

vantagem da documentação pedagógica. Em relação às crianças, a educadora referiu que era importante para a avaliação das suas aprendizagens (“apoiar não só a avaliação por parte da criança mas também a avaliação da criança”). O facto de documentar, para Rinaldi (1998, citado por Oliveira Formosinho e Araújo, 2013), leva a criança realizar uma autoavaliação.

### 1.7. Campo A- “Desvantagens”

No quadro 7, são apresentadas as unidades de registo que deram origem à categoria e subcategoria que expõem a opinião da educadora sobre a desvantagem da utilização deste instrumento de avaliação. Nesta categoria a única subcategoria que existe é o tempo.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Desvantagens</b>	<b>Tempo</b>	“ (...) é necessário o educador sair do seu contexto de sala para tratar mais da parte da formatação, registo de uma folha, a descrição escrita, tudo o que passe e não seja feito à mão, tudo o que passe para o registo descritivo, e claro fica muito melhor feito ao computador.”

**Quadro 8- Categorização das respostas da entrevista: Desvantagens**

Para finalizar a entrevista, a educadora respondeu à pergunta “Encontra algumas desvantagens?” à qual obtivemos a resposta de que só existia, na sua opinião, uma desvantagem na utilização das narrativas de aprendizagem, que consistia em o educador sair do seu contexto de sala para tratar da parte da formatação da narrativa. Segundo o despacho normativo nº10 B/2018 de 6 de julho, a componente não letiva refere que “o trabalho a nível individual pode compreender, para além da preparação das aulas e da avaliação do processo ensino-aprendizagem, a elaboração de estudos e trabalhos de investigação de natureza pedagógica ou científico-pedagógica.” (DRE, 2018), desta forma o educador não precisa de sair do seu contexto de sala para proceder à formatação das narrativas de aprendizagem, pode registar numa folha as observações

que vai realizando e em horário não letivo proceder à formatação das narrativas de aprendizagem.

### 1.8. Campo B - “Satisfação” e “Demonstração de aprendizagens”

No quadro 8, são apresentadas as unidades de registo que deram origem às categorias e subcategoria que expõem a perspetiva dos pais em relação à experiência dos seus filhos. A categoria “Satisfação” está dividida em quatro subcategorias sendo elas: sentimentos; opinião; jogo simbólico e imaginação. A categoria “Demonstração de aprendizagens” está dividida em duas subcategorias sendo uma as inferências e outra as aprendizagens.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Satisfação</b>	<b>Sentimentos</b>	<p>“E a felicidade com que interagem entre si” <b>Pai criança1</b></p> <p>“ Também fico feliz em ver a patilha e a alegria que ela fica ao estar com os seus amigos” <b>Pai criança 4</b></p>
	<b>Opinião</b>	<p>“Gostamos de ver estes momentos da vida escolar dela, por isso continuem a contar com a nossa opinião” <b>Pai Criança 4</b></p>
	<b>Brincar</b>	<p>“É bom saber que a nossa filha está numa escola que (...) lhe proporciona meios para realizar o faz de conta e o jogo simbólico.” <b>Pai Criança 4</b></p>
	<b>Imaginação</b>	<p>“Gostei de ver a imaginação dos pequenos!” <b>Pai Criança 1</b></p>



<b>Demonstração de aprendizagens</b>	<b>Desenvolvimento</b>	“Eles comunicam cada vez mais entre si, o que faz também com que as suas brincadeiras sejam mais elaboradas!” <b>Pai Criança 1</b>
	<b>Aprendizagens</b>	<p>“Esta experiência revela imaginação e criatividade das crianças para brincar ao faz de conta” <b>Pai Criança 2</b></p> <p>“ (...) proporciona meios para realizar o faz de conta e o jogo simbólico.” <b>Pai Criança 4</b></p> <p>“A fala/expressão oral é mais uma cereja no topo do bolo.” <b>Pai Criança 4</b></p> <p>“ (...) usando a sua criatividade, originalidade, interação com os outros, fazem uma brincadeira que os tornam felizes” <b>Pai Criança 3</b></p>

**Quadro 9- Categorização das perspetivas dos pais à experiência dos filhos**

A cedência das narrativas de aprendizagem aos pais permite que estes tomem conhecimento das experiências que os filhos têm na creche. Segundo Oliveira-Formosinho e Araújo (2013) “A participação dos pais cria oportunidades importantes para a aprendizagem das crianças e para a aprendizagem dos pais. De facto estes constroem uma visão mais rica e complexa acerca das aprendizagens das crianças.” (p.21). Desta forma, com base na análise das perspetivas dos pais acerca das experiências das crianças, percebe-se que ao ceder as narrativas de aprendizagem aos pais, estes mostraram-se satisfeitos por terem conhecimento das aprendizagens dos filhos, ao ponto de fazerem comentários sobre as aprendizagens demonstradas naquela experiência. Os pais também fizeram algumas inferências com base na experiência relatada demonstrando assim um maior envolvimento destes nas aprendizagens das crianças.



## **CAPITULO V- CONSIDERAÇÕES FINAIS**



A elaboração deste relatório final teve como principal intuito, averiguar as potencialidades das narrativas de aprendizagem, demonstrando desta forma, todo o trabalho executado ao longo desta investigação. Para finalizar este relatório, pretendemos apresentar o impacto que este estudo teve, quer a nível profissional, quer a nível pessoal.

De acordo com os resultados apresentados, pode afirmar-se, tendo em conta os objetivos previamente definidos, que as narrativas de aprendizagem são um bom instrumento de avaliação e de documentação na opinião da educadora e na perspetiva dos pais que participaram no estudo.

Em primeiro lugar é importante referir a influência que o ambiente e os materiais têm nas interações das crianças. É de relembrar que este estudo foi efetuado para avaliar as interações das crianças através do instrumento de avaliação das narrativas de aprendizagem. Ladd e Coleman (2002) afirmam que a quantidade e a acessibilidade “a brinquedos e materiais lúdicos nos contextos educativos para as crianças mais novas podem ter um impacto significativo na qualidade das interações entre pares e no comportamento das crianças” (p.146). Neste caso, foram as caixas de cartão que proporcionaram esta exploração por parte das crianças, o que fez com que houvesse uma interação entre elas. Desta forma, como já foi referido anteriormente, é importante que exista um ambiente organizado, e que os brinquedos disponíveis para as crianças sejam estimulantes, acessíveis e onde exista um leque variado de escolhas, permitindo desafios táteis, visuais e motores levando a criança à exploração e também ao estabelecimento de uma relação com o mundo (Portugal, 2012). Também se pode verificar a consciencialização dos pais para a utilização de materiais não estruturados, pois a maioria referiu o facto de as crianças estarem a brincar com caixas de cartão, como podemos verificar na seguinte afirmação – “um simples caixote de papel” (anexo 3).

Em relação ao conhecimento por parte da educadora acerca das narrativas de aprendizagem como instrumento de avaliação, esta demonstrou um diálogo confuso pois afirmou que não conhecia o instrumento mas que identificava - “com algo que já faço desde sempre” (anexo 5) mostrando assim não ter uma noção clara do instrumento

de avaliação no entanto referiu que é um ótimo instrumento para “documentar, orientar e organizar” as aprendizagens das crianças. Como afirmam Carr e Lee (2012) as narrativas de aprendizagem não são um instrumento de documentação, elas apoiam a reflexão do educador para que este tenha em conta outras perspetivas e o que mais precisa de aprender para serem responsivos às crianças. Também realça o facto de mencionar que as narrativas de aprendizagem dão a oportunidade às crianças de refletirem sobre o que foi observado pelo educador e poderem dar o seu contributo. A única desvantagem que a educadora realça em relação a este instrumento de avaliação é a falta de tempo, pois refere que o educador tem que sair do contexto de sala para tratar da parte da formatação da narrativa. Como já foi referido no capítulo anterior os educadores têm uma componente não letiva, desta forma a educadora pode registar as suas observações e depois em horário não letivo proceder à formatação das narrativas de aprendizagem.

No relacionamento com as famílias podemos referir que as narrativas de aprendizagem vão melhorar a comunicação, pois mesmo que a relação entre pais e equipa educativa não seja a melhor, consideramos que as narrativas de aprendizagem podem ser um fator decisivo no melhoramento das relações uma vez que a educadora dá relevo às forças das crianças e os pais ao observarem esse fator começam também a construir uma imagem positiva da educadora. Desta forma, este instrumento de avaliação vai enriquecer a relação com os pais/famílias ao nível da comunicação, da transmissão e da partilha da informação.

No que diz respeito à perspetiva dos pais, a cedência das narrativas de aprendizagem permite que estes tomem conhecimento das experiências que os filhos/as têm na creche. Como referem os pais da criança 1 – “Eles comunicam cada vez mais entre si, o que faz também com que as brincadeiras sejam mais elaboradas!” (anexo1). Através das narrativas de aprendizagem os pais podem acompanhar o desenvolvimento das crianças e desta forma observar as suas evoluções. Também possibilita que exista uma comunicação entre casa e creche permitindo conhecer melhor a criança, pois como refere a seguinte afirmação – “Estas brincadeiras também são realizadas no seu ambiente domiciliar” (anexo 4). Segundo as OCEPE, as transições do ambiente familiar para a creche pode influenciar a atitude da criança

perante transições futuras. Para que as transições possam ser vividas positivamente, importa que se inscrevam na evolução do processo educativo de cada criança, sendo indispensável um equilíbrio entre as mudanças inevitavelmente introduzidas e a continuidade das aprendizagens, de modo a que a nova etapa se construa a partir do que a criança sabe e é capaz de fazer (ME, 2016).

Em suma, as narrativas de aprendizagem na perspetiva dos pais são um bom instrumento de avaliação como ficou ilustrado na afirmação – “Gostamos de ver estes momentos da vida escolar dela, por isso continuem a contar com a nossa opinião” (anexo 4). Também a perspetiva dos pais aqui apresentada vai ao encontro da literatura. Pois, segundo Carr (2001) as narrativas de aprendizagem providenciam informação acerca das forças da criança de uma forma autêntica e evidenciam como aprende através do brincar. Também evidenciam que as crianças são aprendizes ativas, curiosas e solucionadoras de problemas.

Destacando a mais-valia deste estudo para a nossa aprendizagem, podemos verificar que as narrativas de aprendizagem são um bom instrumento de avaliação e que trazem benefícios quer para as crianças, educador, equipa educativa e família, criando assim um elo de ligação entre todos.

Fazendo um balanço geral, penso que desenvolvi aprendizagens relevantes para o meu futuro. Este percurso tornou-se um desafio positivo e enriquecedor e apesar de atingida esta meta, temos consciência que este caminho ainda não terminou. Para nos tornarmos profissionais competentes, teremos de investir na nossa formação ao longo da vida.





## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



- Amado, J. (2014). Manual de investigação qualitativa em educação (2ªed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. (2017). Manual de investigação qualitativa em educação (3ªed.) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., Costa, A. & Crusoé, N. (2017). A técnica da análise de conteúdo. In J. Amado, *Manual de investigação qualitativa em educação (3ªed.)* (pp.303-357). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. & Ferreira, S. (2017). A entrevista na investigação em educação. In J. Amado, *Manual de investigação qualitativa em educação (3ªed.)* (pp.209-263). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). Brincar ao ar livre- Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas. Porto: Porto Editora
- Carvalho, C., & Portugal, G. (2017). Avaliação em Creche: CRECHendo com qualidade. Porto: Porto Editora
- Carr, M. (2001). Assessment in early childhood settings: Learning Stories. London: Paul Chapman
- Carr, M. & Lee, W. (2012). Learning Stories – Constructing, Learner Identities in Early Education. SAGE Publications Ltd
- Carter, M. (2010, novembro). Using “Learning Stories” to strengthen teachers relationships with children. *Exchange*, 40-44.
- Goodsir, K & Rowell, P. (2010). Learning Stories- narratives of the complex ways that children learn. *Putting Children First*. 35. 12-13
- Formosinho, J. (1998) in Formosinho-Oliveira e Kishimoto, (org.) (2002), *Formação em contexto: uma estratégia de intervenção*, Thompson

- Hatherly, A. & Sands, L. (2002). So what is diferente about Learning Stories? First Years: Nga Tau Tuatahi. New Zealand Journal of Infant and Toddler Education, 4 (1), 8-12.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). Educar a criança (6ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L. & McClellan, D. (1996). O Papel do Professor no Desenvolvimento social das Crianças. In J. Oliveira Formosinho (org.), *Educação Pré-Escolar: A construção social da moralidade*. (pp. 11-47). Lisboa: Texto Editora.
- Katz, L. (2006). Perspetivas atuais sobre aprendizagem na infância. Saber (e) Educar, 11, pp. 7-21.
- Ladd, G. W., & Coleman, C. C. (2002). As Relações entre Pares na Infância: Formas, Características e Funções. In B. Spodek, Manual de investigação em educação de infância (pp. 119- 166). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Learning and Teaching Scotland. (2010). Pre-Birth to Three Positive Outcomes for Scotland's Children and Families. Disponível em: [https://education.gov.scot/improvement/Documents/ELC/ELC2\\_PreBirthToThree/ELC2\\_PreBirthToThreeBooklet.pdf](https://education.gov.scot/improvement/Documents/ELC/ELC2_PreBirthToThree/ELC2_PreBirthToThreeBooklet.pdf)
- Lee, W. & Carr, M. (s.d.) Documentation of learning stories; A powerful assessment tool for early childhood. Disponível em: <http://newzealand.anniewhite.cikeys.com/wp-content/uploads/2016/04/Documentation-of-Learning-Stories-Wendy-Lee-Margaret-Carr.pdf>
- Ministério de Educação. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)
- Nyland, B. & Alfayez (2012). Learning Stories crossing borders: introducing qualitative early childhood observation techniques to early childhood practitioners in Saudi Arabia. *International Journal of Early Years Education*.20, 4, 392-404

- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora, S.A.
- Pacheco, J. (1996). *Currículo: teoria e praxis*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança* (8.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Papalia, D. & Feldman, R. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12.<sup>a</sup> ed.). Porto Alegre: AMGH Editora Ltda.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches - Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto editora.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS.
- Post, J., & Hohmann, M. (2000). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Post, J., & Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: gradiva.
- Smith, P., Cowie, H., & Blades, M. (2001). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos
- Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S., & Gomes, A. (2011). *Manual de Psicologia do desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora
- Wieder, S. & Greenspan, S. (2002). *A base emocional da aprendizagem*. In B. Spodek, (org.) *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (pp. 167-189). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## **Lista de documentos internos da instituição**

Projeto Educativo

Projeto Curricular do grupo

## **Legislação consultada**

Circular nº4:DGIDC/DSDC/2011 – Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

Despacho Normativo n.º 10-B/2018 - Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação

## **ANEXOS**





## Anexo 1- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança1

### Carros de Cartão



#### O que aconteceu?

A Alice e a Sofia foram buscar duas caixas que estavam num canto da sala e colocaram-nas em cima do tapete. Depois entraram dentro delas, cada uma com um boneco, dizendo que aquilo era um carro e que iam passear. Enquanto simulavam que estavam a conduzir iam fazendo barulhos alusivos ao som do carro.

O Lourenço quando observou o que a Alice e a Sofia estavam a fazer juntou-se a elas, indo buscar outra caixa. Mais tarde, também o Gonçalo entrou na brincadeira.

Enquanto estiveram dentro das caixas, iam falando uns com os outros dizendo, “Vamos para a praia”, “Está calor”, “Vamos comer um gelado”.

#### Que significado tem esta experiência?

O grupo revelou curiosidade para encontrarem um interesse assim como confiança para se envolverem e se entregarem plenamente ao brincar, envolvendo-se profundamente. Exploraram as caixas e encontraram estratégias para ultrapassarem as dificuldades que iam surgindo.

Interagiram uns com os outros e mostraram confiança para expressar as suas ideias.

#### Questão para os pais poderem dar a sua perspetiva sobre a experiência

- O que achou desta experiência?

*Gostei de ver a imaginação dos pequenos! E a facilidade com que interagiu entre si, alioando outros meninos a participarem na sua actividade! Eles comunicam cada vez mais entre si, o que faz também com que as suas brincadeiras sejam mais elaboradas!*

## Anexo 2- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança2

### Carros de Cartão



#### O que aconteceu?

A Alice e a Sofia foram buscar duas caixas que estavam num canto da sala e colocaram-nas em cima do tapete. Depois entraram dentro delas, cada uma com um boneco, dizendo que aquilo era um carro e que iam passear. Enquanto simulavam que estavam a conduzir iam fazendo barulhos alusivos ao som do carro.

O Lourenço quando observou o que a Alice e a Sofia estavam a fazer juntou-se a elas, indo buscar outra caixa. Mais tarde, também o Gonçalo entrou na brincadeira.

Enquanto estiveram dentro das caixas, iam falando uns com os outros dizendo, “Vamos para a praia”, “Está calor”, “Vamos comer um gelado”.

#### Que significado tem esta experiência?

O grupo revelou curiosidade para encontrarem um interesse assim como confiança para se envolverem e se entregarem plenamente ao brincar, envolvendo-se profundamente. Exploraram as caixas e encontraram estratégias para ultrapassarem as dificuldades que iam surgindo.

Interagiram uns com os outros e mostraram confiança para expressar as suas ideias.

#### Questão para os pais poderem dar a sua perspetiva sobre a experiência

- O que achou desta experiência?

*Esta experiência revela a imaginação e criatividade das crianças para brincar "ao faz de conta", assumindo o papel dos adultos em situações do dia-a-dia, que resultaram numa bela ida à praia com os amigos!*

## Anexo 3- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança3

### Carros de Cartão



#### O que aconteceu?

A Alice e a Sofia foram buscar duas caixas que estavam num canto da sala e colocaram-nas em cima do tapete. Depois entraram dentro delas, cada uma com um boneco, dizendo que aquilo era um carro e que iam passear. Enquanto simulavam que estavam a conduzir iam fazendo barulhos alusivos ao som do carro.

O Lourenço quando observou o que a Alice e a Sofia estavam a fazer juntou-se a elas, indo buscar outra caixa. Mais tarde, também o Gonçalo entrou na brincadeira.

Enquanto estiveram dentro das caixas, iam falando uns com os outros dizendo, “Vamos para a praia”, “Está calor”, “Vamos comer um gelado”.

#### Que significado tem esta experiência?

O grupo revelou curiosidade para encontrarem um interesse assim como confiança para se envolverem e se entregarem plenamente ao brincar, envolvendo-se profundamente. Exploraram as caixas e encontraram estratégias para ultrapassarem as dificuldades que iam surgindo.

Interagiram uns com os outros e mostraram confiança para expressar as suas ideias.

#### Questão para os pais poderem dar a sua perspetiva sobre a experiência

- O que achou desta experiência?

Esta experiência demonstra que as crianças para serem felizes não é preciso ter um brinquedo "top".  
Um simples caixote de papel, usando a sua criatividade, originalidade, interação com os outros, fazem uma brincadeira que os tornam felizes.  
E eles estavam muito felizes, como se pode verificar nas imagens.



## Anexo 4- Narrativa de Aprendizagem-caixas de cartão- criança4

### Carros de Cartão



#### O que aconteceu?

A Alice e a Sofia foram buscar duas caixas que estavam num canto da sala e colocaram-nas em cima do tapete. Depois entraram dentro delas, cada uma com um boneco, dizendo que aquilo era um carro e que iam passear. Enquanto simulavam que estavam a conduzir iam fazendo barulhos alusivos ao som do carro.

O Lourenço quando observou o que a Alice e a Sofia estavam a fazer juntou-se a elas, indo buscar outra caixa. Mais tarde, também o Gonçalo entrou na brincadeira.

Enquanto estiveram dentro das caixas, iam falando uns com os outros dizendo, “Vamos para a praia”, “Está calor”, “Vamos comer um gelado”.

#### Que significado tem esta experiência?

O grupo revelou curiosidade para encontrarem um interesse assim como confiança para se envolverem e se entregarem plenamente ao brincar, envolvendo-se profundamente. Exploraram as caixas e encontraram estratégias para ultrapassarem as dificuldades que iam surgindo.

Interagiram uns com os outros e mostraram confiança para expressar as suas ideias.

#### Questão para os pais poderem dar a sua perspetiva sobre a experiência

- O que achou desta experiência?

É bom saber que a minha filha está numa escola em que além de permitir que ela explore o seu desenvolvimento com diversos tipos de materiais, também lhe proporciona meios para realizar o faz de conta e o jogo simbólico. Também fico feliz em ver a partilha e a alegria que ela fica ao estar com os seus amigos. São através de brincadeiras como esta que eu vejo todas as aprendizagens que estão a ser consolidadas. A fala/expressão oral, a motricidade, a criatividade, a cooperação, a partilha e uma

Observador: Mariana Tudela

Mestrado em Educação Pré-Escolar

crianças que participa e gosta de ser estimulada, a cada dia a sair da escola a possível observar que a escola é um lugar de momentos lúdicos e sempre a proporcionar o seu bem estar.

Então brincadeiras também são realizadas no seu ambiente domiciliário. É este conjunto e o que faz o seu desenvolvimento ser excelente.

Gostamos de ver estas momentos da vida escolar dela, por isso continuam a contar com a nossa opinião.

## **Anexo 5 - Entrevista**

### **Guião da Entrevista**

1. O que acha deste instrumento
2. Benefícios para as crianças, para a educadora, equipa educativa e para os pais.
3. Considera que pode melhorar o relacionamento com as famílias? Porquê?
4. Acha que é um bom método para avaliar as aprendizagens das crianças?
5. Encontra algumas desvantagens?

## **Anexo 6- Transcrição da entrevista**

### **1. O que acha deste instrumento?**

Eu não conhecia o instrumento como narrativa de aprendizagem com esta designação, mas identifico as narrativas de aprendizagem com algo que eu já faço desde que sou educadora, que identifico muito com os registos de evidência, ou seja, registarmos situações em que verificamos que a criança está a progredir ou que deu um salto na aprendizagem ou que está a evidenciar a consolidação de aprendizagens e que essas aprendizagens tanto podem ser a interação com ela própria como com os outros. É um instrumento que, pelas particularidades que tem, pelo facto do educador descrever, narrar o que está a observar com todos os pormenores que possam enriquecer ainda mais a descrição, pois permite ao educador parar um bocadinho e numa fase posterior depois da descrição analisar essas descrição que fez, ou seja, o educador já está a observar no momento e a registar, mas por outro lado depois vai apoiar na reflexão, pós ação que é sentar ler aquela descrição, ler aquela narração e perceber primeiro qual é a área em que aquela evidência, aquela narrativa de aprendizagem está mais relacionada e permite-nos ali ver se podemos apoiar mais ainda numa possível progressão. Também podemos avaliar ao nível das interações, avaliar também a parte em como a criança está a lidar perante determinada situação, mas não conhecia neste sentido de narrativa de aprendizagem, associava muito e faço muito identificação com aquilo que eu já faço como educadora que é registar as evidências e tentar contextualiza-las de acordo com as OCEPE e com aquilo que nós pretendemos que as crianças vão aprendendo e vão desenvolvendo. Por outro lado as narrativas de aprendizagem relacionam-se muito com aquilo que a nós nos faz sentido ter em conta quando avaliamos que é os saltos, as evidências que sejam significativas, não tudo aquilo que a criança já adquiriu já está segmentado e consolidado mas sim aqueles pontos em que nós vamos vendo que há ali um progresso, uma evolução e acho que as narrativas de aprendizagem ajudam exatamente nisso, para quem usa o portefólio penso que é uma boa base para documentar, orientar e organizar a estrutura, as questões que estão subjacentes tanto para o educador como para a

criança como para a família, também ajuda nesse sentido. Em crianças mais pequeninas se calhar nós podemos reler para eles verem, observarem as fotografias e isto é um apoio, e relerem aquilo que o educador observou. Em crianças mais velhas, apoia também nessa questão de elas já poderem refletir o que foi observado, ou seja, o educador observou, registou e depois passa essa mensagem, passa essa informação também criança, depois a criança vai ter a oportunidade de dar o seu contributo o seu comentário acerca daquela narrativa de aprendizagem tal e qual como está descrita pelo educador

## **2. Benefícios para as crianças, para a educadora, equipa educativa e para os pais.**

Querendo ou não já respondi um bocadinho na anterior, mas acho que é indissociável falar do instrumento em si e não fazer logo uma alusão do que é que trás de vantagens e do que é benéfico para cada um dos elementos do processo. Sem dúvida que é um instrumento bastante pertinente em termos de observação, de registo e depois de reflexão. Digamos que é um instrumento que também permite escutar a criança a partir do momento que ela passa a dar também a sua opinião à cerca daquela evidência. Portanto para as crianças sem dúvida que a criança vê espelhada digamos assim, no papel como suporte visual que é a fotografia daquele momento que se calhar foi tão importante para ela tal e qual como foi para o educador e aí o educador também fazer ver à criança que aqueles momentos que eles têm são muito valorizados também pelo educador. Sem dúvida que o principal benefício é a documentação, quer seja para a criança seja para o educador seja para a equipa educativa seja para os pais, acho que este é um elemento que é comum, que é o permitir a documentação de um momento, seja uma aprendizagem nova seja uma aprendizagem que está a ser consolidada. Acho que permite sem dúvida avaliar o processo. Depois para a criança vai permitir também ter uma noção daquele momento e do que é que aquele momento representa para ela no seu processo. Certamente ela quando fizer uma reflexão vai descrever também aquela observação que vai descrever ainda também com outros



pormenores e refletir sobre aquilo que fez e se calhar nessa reflexão do processo o educador ainda vai tirar mais vantagens, que é, perante aquela observação que fez, que escreveu, que narrou, que escreveu acima de tudo a criança ao ouvir essa descrição ela própria já vai acrescentar outros pormenores à forma como o fez e sem dúvida perceber que aquilo que ali está espelhado e descrito representa um momento muito importante do processo dela no desenvolvimento no processo de aprendizagem e acho que isso sem dúvida já está a apoiar a própria autoavaliação da criança, sobretudo tomar consciência que aquilo que ela faz, que diz, que as suas atitudes podem ser documentadas não só fotograficamente mas também através de palavras e aí também já estamos a abordar outras questões como a abordagem à leitura e à escrita e perceber a funcionalidade da escrita. Para além disso permite à criança, se calhar num momento de grande grupo poder partilhar com os outros esses seus momentos, não só com o adulto, quando digo educador é educador e auxiliar, porque certamente a auxiliar também se vai apercebendo de certos momentos e pode ajudar nesses registos mas para a criança sem dúvida que é isso, documentar aqueles momentos chave, momentos fulcrais que realmente houve ali e que evidenciou a criança em ação, a criança como aprendente. Para a equipa (educadora e equipa educativa) tem a mesma funcionalidade, documenta, apoia a reflexão, apoia a avaliação do educador porque um educador sem registos, sem evidências, dificilmente consegue ter uma visão e conseguir registar todos os momentos na sua memória e esta parte escrita sem dúvida há um apoio, tanto na parte da escrita como na parte do registo fotográfico. Aqui falo para o adulto educador / equipa porque acho que os benefícios tanto são benéficos para um como para outro até porque subentende-se que a equipa converse, reflita e fale sobre os progressos de cada uma das crianças bem como do grupo. Para a família permite também e também serve exatamente para os mesmos fins, como documentação do que está a acontecer nos momentos de cada criança, de momentos que são vividos em pequeno grupo ou a pares e permite à família reler aquele documento e perceber qual foram ali as áreas ou momento chave que foi ali identificado pelo educador e que fez sentido para o educador ilustra-lo e depois ter também um feedback do próprio filho de quando à cerca dessa questão e depois a própria família poder pensar que tem a hipótese de dar o seu contributo acerca do que pode ver ali de

aprendizagem porque se é importante para os adultos, equipa educativa, educadores, auxiliares ter noção em termos de avaliação de cada criança do que é que eles estão a aprender também acho que é muito importante os pais também se irem apercebendo do trabalho que é feito na creche/ jardim de infância e ir identificando também já por si, pequenas aprendizagens e ir associando as determinadas áreas de conteúdo ou aquilo que se pretende que os meninos vão aprendendo e desenvolvendo ao frequentar uma instituição de educação de infância, seja creche ou jardim de infância e lá está a oportunidade de eles terem a noção, perceberem que as coisas estão a ser documentadas, perceberem que há um acompanhamento por parte da equipa e depois poderem dar também o seu feedback acerca de como fazem a leitura daquele momento e o facto de haver uma complementaridade do adulto/equipa educativa educador, auxiliar, criança e os pais ainda conjugando também com a sua opinião acabamos por ter aqui os principais agentes educativos da criança em comunicação e em interação através do registo como a narrativa de aprendizagem.

### **3. Considera que pode melhorar o relacionamento com as famílias? Porquê?**

Sem dúvida que melhora, porque a documentação pedagógica tem estas vertentes todas. Nós documentamos o processo, seja o processo ou uma atividade mais específica e neste caso a narrativa de aprendizagem vai melhorar o relacionamento com as famílias no sentido que, não é isto que vai fazer com que a relação passe a ser melhor, vai é permitir que a família participe mais de forma mais ativa, ou seja que cada família seja escutada, digamos assim, relativamente aquilo que são as aprendizagens e aquilo que nós consideramos que são os aspetos mais significativos de desenvolvimento da criança em determinado período ou ao longo do ano letivo, portanto, este instrumento vai enriquecer ainda mais a relação com os pais ao nível da comunicação, da transmissão e da partilha da informação. Acho que sem dúvida é isso, enriquece a partilha e a comunicação desses progressos, desses momentos muito significativos e aprendizagens.

Melhora nesse sentido porque permite aos pais lerem gradualmente ao longo do período ou ao longo do trimestre à medida que estas narrativas de aprendizagens irão sendo feitas. Vão melhorar nesse sentido porque vai haver, se forem progressivas, ou seja as narrativas de aprendizagem fazem sentido também que para cada criança sejam progressivas, não que tenham que ser obrigatórias mas que sempre que ocorre uma situação merecedora de ser descrita, narrada e tomada em conta como uma narrativa de aprendizagem vai permitir aos pais acompanhar esses progressos e esses momentos significativos e aí sem dúvida que vai melhorar o relacionamento porque está a ser dada aos pais o feedback, mas em vez de ser tão periódico seja um pouco mais regular e frequente nesse sentido.

#### **4. Acha que é um bom método para avaliar as aprendizagens das crianças?**

Como eu já referi anteriormente, é um instrumento sem dúvida que apoia a avaliação. A avaliação necessita sempre de documentação pedagógica, seja através de recolha de informação de várias formas vídeos, gravações, fotografia, registos de evidências e portanto sem dúvida que é um instrumento, digamos assim, que vai apoiar sem dúvida o registo das aprendizagens, obviamente que vai apoiar muito o adulto, o educador bem como também o auxiliar, mas sendo a avaliação descritiva tarefa do educador com base nos registos, de observações e evidências que vai fazendo, da escuta que vai fazendo também junto dos seus grupos, das suas crianças e independentemente da idade se é creche ou jardim de infância, mas sem dúvida que vai apoiar quer a avaliação da criança em si, quer a avaliação com a criança, a avaliação feita pela criança também a partir do momento em que ela participa nestes momentos de narrativa de aprendizagem, vai apoiar não só a avaliação por parte da criança mas também a avaliação da criança e uma própria autoavaliação do educador para ir percebendo que aquelas narrativas de aprendizagem estão inseridas mais em que áreas ou em que área são mais evidentes que aquela criança mais se destaca em termos de narrativas de aprendizagem, quais são as áreas que estão a ser mais exploradas e também permite ao educador fazer logo uma análise não só da criança, dos seus pontos fortes, áreas que podem ajudar

a investir a melhorar mas automaticamente o educador também vai fazer uma própria autoavaliação. Uma avaliação da sua prática que vê espelhada nos momentos e nas oportunidades e situações de aprendizagem que proporciona ao seu grupo de crianças.

## **5. Encontra algumas desvantagens?**

A única desvantagem, mas essa acaba por estar subjacente a qualquer elemento de documentação pedagógica, é que realmente é necessário o educador sair do seu contexto de sala para tratar mais da parte da formatação, registo de uma folha, a descrição escrita, tudo o que passe e não seja feito à mão, tudo o que passe para o registo descritivo, e claro fica muito melhor feito ao computador. A única desvantagem para já que eu vejo neste registo, neste instrumento, nesta forma de descrever aquilo que se observa como uma narrativa, realmente é essa e há que atender também que as narrativas de aprendizagem não têm que ser todas em mesmo número para todas as crianças. Devem acontecer para todas mas adaptada ao processo e ao percurso de cada criança, portanto, acho bastante benéfico nesse sentido de documentação como um elemento, como um apoio de avaliação e vejo muito isto incluído numa avaliação por portefólio, evidências significativas de momentos chaves para aquela criança que realmente ela deu ali um salto. Agora a única desvantagem que tem é toda aquela parte que nós sabemos que temos que adaptar, mais da parte de formatação, escrita a computador, que isso exige sempre querendo ou não, essa parte exige sempre que o educador saia da sala e que esteja fora para o fazer, mas isso é uma realidade que nós já nos debatemos à muito tempo a esse nível, sabemos que tudo o que seja no imediato é tudo mais fácil, o ter uma fotografia, o colar logo no papel e escrever à mão, mas efetivamente neste sentido faz todo o sentido ser passado a computador, ter uma letra legível que seja visível para todos. Portanto a única desvantagem que eu vejo mesmo aqui é a questão mais da formatação, logística, digamos assim, mas que isso se vê mesmo quando é feito com um portefólio para outras crianças e claro vamos ter que ir adaptando porque uma coisa é um grupo de 8, outra coisa é um grupo de 10, outra coisa é um grupo de 16 e isso sem dúvida que para 25 crianças, esta questão de gerirmos as narrativas e a forma como as organizamos e a forma como as agrupamos,

lá está que eu vejo isto muito num portefólio, ou depois também descrito e numa suma, por exemplo, numa descrição, numa apreciação global do ano letivo isto sem dúvida que apoia essa documentação mas a única desvantagem que eu vejo sem dúvida é mesmo o depois sabermos gerir em termos de tempo da hipótese do educador sair porque é importante que estes momentos de documentação o educador tenha um tempo destinado a isso e nós sabemos que as nossas realidades nem sempre são muito fáceis de lidar com essa questão do sairmos e o grupo ficar com a colega, mas sem dúvida que a única desvantagem que eu vejo mais, para já nesse sentido é esse que implica o educador sair, ir ao computador fazer, registar mas penso que isso deixa de ser uma desvantagem a partir do momento que o educador tenha um tempo mais específico e dedicado mesmo à documentação pedagógica e à avaliação para além daquilo que está programado e o tempo que lhe é destinado.

## Anexo 7- Autorizações

### Assunto: Pedido de Autorização

Exmo. Encarregado de Educação,

Somos alunas do 2º ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação de Coimbra, e de 2 de Novembro de 2017 a 19 de Janeiro de 2018, temos o privilégio de poder fazer o estágio \_\_\_\_\_. Vimos por este meio solicitar o consentimento para recolha de registos fotográficos do seu educando, em contexto pedagógico, para fins académicos. Importa salientar que a identidade da criança será sempre salvaguardada.

Com os nossos melhores cumprimentos e previamente gratas pela vossa colaboração,

Diana Monteiro

Mariana Tudela

Patrícia Ferreira

---

Eu, \_\_\_\_\_,  
encarregado(a) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ educação \_\_\_\_\_ do(a) \_\_\_\_\_,  
autorizo/não autorizo\* a  
recolha de imagens/fotografias em contexto pedagógico do meu (minha)  
educando(a) para os efeitos acima referidos.

Coimbra, \_\_\_\_ de novembro de 2017

---

(assinatura)

\*(riscar o que não interessa)